

MÍDIA, POLÍTICA E REPRODUÇÃO CAPITALISTA NO MARANHÃO

Claudio Coimbra Castro¹

Resumo

Apresentação de pesquisa em desenvolvimento relativa às articulações entre mídia e política no Maranhão. Considerações sobre uso de aparato midiático privado como instrumento de manutenção de poder e sobre a detenção do maior aparato midiático do Maranhão pelo grupo político hegemônico e suas consequências num cenário capitalista periférico

Palavras-chave: Mídia; Política; Capitalismo

Abstract

Presentation of research in development about joints between media and politics in Maranhão. Considerations about using of private media as an instrument of power and about the property of the biggest media apparatus in Maranhão by the hegemonic political group and its consequences in a capitalist peripheral space

Keywords: Media; Politics; Capitalism

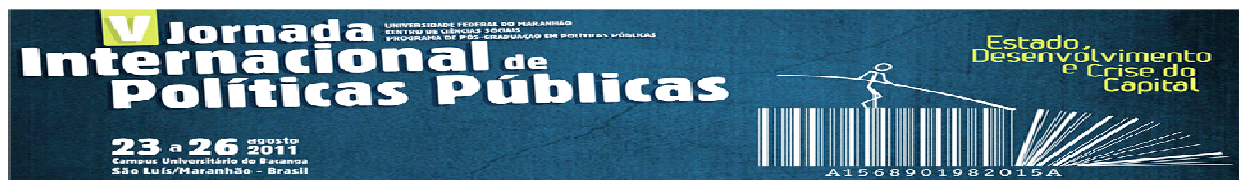
1 INTRODUÇÃO

O Maranhão é o estado brasileiro com a penúltima colocação no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) no Relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento².

O Sistema Mirante de Comunicação, maior conjunto de empresas privadas de mídia existente no Maranhão, pertence à família Sarney, cujo domínio da cena política remonta ao ano de 1966 e perdura até hoje. O aparato midiático, na hipótese aqui apresentada, constitui-se em ferramenta não só na explicitação, mas também na execução de políticas públicas relacionadas a varias áreas da ação estatal, servindo

¹ Estudante de Pós Graduação. Programa de Pós Graduação de Políticas Públicas da Universidade Federal do Maranhão – PGPP/UFMA. c.castro@uol.com.br

² O IDH serve para mensurar a qualidade de vida, com base em itens como longevidade e educação, levando em conta, além da dimensão econômica, as esferas política e social. Anualmente o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) lança em nível mundial um Relatório de Desenvolvimento Humano, baseado no índice. O Brasil já produziu três relatórios nacionais, 1996, 2000 e o mais recente, do qual os dados aqui expostos foram retirados, em 2005. Atualmente encontra-se em fase de produção um quarto relatório nacional (www.pnud.org.br/idh) Acessado em 22/02/2011; <http://www.brasilpontoaponto.org.br/> Acessado em 20/03/2011).



para disseminar discursos, práticas e o modo de fazer política do grupo hegemônico. Constitui-se, assim, em instrumento de dominação e permanência no poder. Não fica clara a linha que separa governo e mídia. A pesquisa pretende verificar a ocorrência desse pressuposto, bem como procurar perceber os limites – ou a falta deles – entre o campo midiático e o campo político no Maranhão e a interlocução entre eles.

O que se pretende não é o simples registro da instalação da família Sarney no governo, mas, sobretudo, analisar sua manutenção no poder; bem como o uso que faz de seu aparato midiático nesse sentido: confunde realmente, como a aparência nos faz crer, sua empresa de comunicação com a máquina estatal? Toma o aparelho do Estado por extensão de seus domínios?

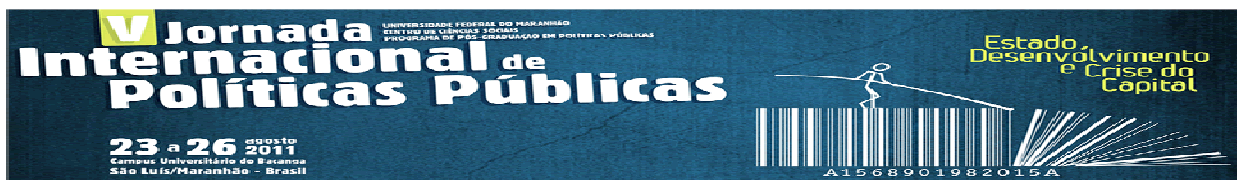
Tal análise não pode passar ao largo da ordem socioeconômica na qual o Brasil (e, por óbvio, o Maranhão) está inserido. Tem-se em mente que a longevidade da família Sarney no poder serve a interesses que não são meramente individuais ou familiares, mas aos do capital, como faz ecoar José Sarney, em referência à expansão capitalista no Estado:

A minha geração, há 50 anos, resolveu superar a situação de pobreza do Maranhão existente até então com um planejamento baseado na criação de infra-estrutura, a começar pela criação do Porto do Itaqui. Este, hoje, é o segundo porto do país, com a exportação de 120 milhões de toneladas de minério de ferro e alumínio. Possui, também, o Maranhão uma das melhores estruturas elétricas e de estradas do Nordeste. Avança agora como grande produtor de soja e madeira – de reflorestamento – para a indústria de celulose, já foi iniciada a construção no estado, em Bacabeira, da maior refinaria da Petrobras. E agora se descobre a grande reserva de gás, que coloca o Maranhão no mapa mundial da energia... A descoberta do Pré-Sal do gás, em terra firme, de custo baixo, reforça a convicção de que chegou uma nova era na região. Bom para nós e para o Brasil. No Maranhão este sentimento é mais forte e todos sentem que demos adeus à pobreza (SARNEY, José In: *O Pré-Sal do gás. O ESTADO DO MARANHÃO*, 22 de agosto de 2010).

2 REPRODUÇÃO CAPITALISTA NO MARANHÃO

A reprodução das estruturas dominantes não são apenas as da política, ou da mídia, mas da estrutura capitalista, a qual se serve, no Maranhão, da manutenção da família Sarney como protagonista do campo político e, simultaneamente, detentora dos mais influentes meios de comunicação.

Necessário pontuarmos a crítica à ordem socioeconômica como fator determinante na pesquisa, para não se incorrer numa crítica apenas ao substrato político do sistema, ou ao seu substrato midiático, mas à totalidade. Também para que não se incorra na falsa dedução de que, mudando-se (apenas) as personagens, outro caminho estaria reservado ao Maranhão. Como indica Mészáros:



Cortar um número maior ou menor de cabeças podemos fazer com relativa facilidade, se engajados no ‘grande impulso’ para subverter alguma coisa; e tudo isso geralmente acontece na esfera política (...). Mas não é suficiente proceder dessa maneira (MÉSZÁROS, 2007: 78).

Por outro lado, não se pode perder de vista a análise crítica dos personagens que há tanto tempo governam o Estado. O desafio será analisar, concomitantemente, a combinação entre capital, política e mídia que contribuem para resultados sociais tão desastrosos: no Maranhão, notamos uma nova forma de “personificação do capital”, para usar as palavras de Mézszáros,

(...) as “personificações do capital” devem obedecer e impor sobre os trabalhadores os imperativos objetivos que emanam da lógica do capital, de acordo com as circunstâncias sócio-históricas mutáveis. E isso é altamente relevante para compreendermos como é possível haver diferentes “personificações do capital”, tal como testemunhamos no século XX. Marx conhecia apenas uma forma – o capitalista privado (“único” ou “combinado” como acionista) – de personificação do capital. Mas nós vimos várias formas diferentes e podemos ainda entrever novas e inesperadas permutações no futuro, como a crise estrutural do sistema do capital nos revela (MÉSZÁROS, 2007: 74).

Com os aparatos estatal e midiático à disposição, e, aparentemente, confundindo um com o outro e pondo essa combinação a serviço de sua manutenção no poder, bem como a serviço da expansão do capitalismo no território maranhense, a família Sarney adequa-se a uma dessas “personificações do capital” que, segundo Mézszáros, testemunhamos surgir ao longo do século passado.

Ao prosseguir explorando a relação entre capital, mídia e política, localizamos o Maranhão como entre as áreas mais periféricas da periferia do sistema capitalista. Sua população, ainda hoje representativamente concentrada em áreas rurais, tem sido empurrada para as cidades, para dar lugar à expansão capitalista, que vai abrindo caminho e transformando o cenário maranhense:

Desde o final da década de 1970, foram implantados: extensa rede de estradas de rodagem cortando todo o território estadual e ligando-o ao restante do país; a Estrada de Ferro Carajás, ligando as grandes minas do sudeste do Pará ao litoral maranhense (administrada pela Companhia Vale do Rio Doce, conhecida atualmente apenas o Vale); o Complexo Portuário de São Luís, formado pelos Portos do Itaqui (administrado pela estatal Empresa Maranhense de Administração Portuária – EMAP), da Ponta da Madeira (pertencente à Vale) e da Alumar (pertencente ao Consórcio Alumínio do Maranhão, subsidiária da multinacional do alumínio Alcoa); a hidrelétrica de Estreito e a Termelétrica do Porto do Itaqui (estes últimos em fase de construção). Paralelo e associadamente às grandes obras de infraestrutura foram instalados neste mesmo período: oito usinas de processamento de ferro gusa nas margens da Estrada de Ferro Carajás, vinculadas a uma extensa rede de produção de carvão vegetal; uma grande indústria de alumina e alumínio (Alumar) e bases para estocagem e processamento industrial de minério de ferro (Vale) na Ilha do Maranhão; um centro de lançamento de artefatos espaciais (Centro de Lançamento de Alcântara – CLA), no município de Alcântara; monocultura agrícola extensiva (soja, sorgo, milho) no sul e sudeste do estado; monocultura de eucalipto, apresentada como “projeto de reflorestamento” em várias regiões do estado; extensa rede, em grande parte ilegal, de madeiras, na região da Pré-Amazônia Maranhense; criação de búfalos, na Baixada Maranhense; ampliação da pecuária bovina extensiva, em todo o Maranhão; projetos de carcinicultura, no litoral. Esse conjunto de iniciativas, decorrentes de planejamentos governamentais e envolvendo ou não a iniciativa privada, tem provocado profundas consequências socioambientais, alterando biomas e modos de vida de populações locais

(que em muitos casos reivindicam a condição de populações tradicionais, com direitos previstos na legislação ambiental brasileira; ou de quilombolas ou indígenas, com direitos resguardados na Constituição Federal de 1988), através do reordenamento socioeconômico e espacial de áreas destinadas à implantação dos mesmos, derivando em potenciais conflitos socioambientais (SANT'ANA JÚNIOR et al, 2009: 20-21).

Esses rearranjos, que favorecem a circulação do capital no Estado, como não poderia deixar de ser num ambiente de reprodução do capital, correm às expensas da coletividade:

O mesmo processo de exaustão de zonas de baixo custo tem ocorrido no que se refere aos materiais. O principal mecanismo que os capitalistas têm usado para manter baixos os preços dos materiais tem sido não pagar alguns deles, obtendo-os às custas da coletividade. É a externalização de custos. Um produtor externaliza custos de três formas principais: livrando-se dos desperdícios não processados fora de sua propriedade, sem pagar a ninguém para processá-los; adquirindo materiais ao custo que lhe são disponibilizados, mas sem pagar pelo custo de sua reposição; ou utilizando infra-estruturas construídas às custas da coletividade. Estes três hábitos têm bastante peso na redução dos custos de produção, aumentando assim a taxa de lucro (WALLERSTEIN, 2004: 236).

Ao considerarmos o Maranhão como espaço em que o capital se expande tardiamente, é necessário observar que a noção de capitalismo tardio aplicada a este caso é uma noção peculiar, aqui desenvolvida, levando-se em consideração a concepção de Mandel (1985) e, mais tarde, ampliada por Jameson (2004). A investigação pretende ressaltar um ponto: a fuga da produção não se dá apenas para as áreas mais desenvolvidas do chamado Terceiro Mundo³, mas também para suas áreas periféricas — caso em que o Maranhão se insere. Feita esta ressalva, apropriamo-nos da noção de Jameson:

Os debates (...) sobre as várias noções de “capitalismo tardio” (...) desenvolvem-se em torno da questão da internacionalização e de como ela deve ser descrita (e em particular se o componente da “teoria da dependência” ou da teoria do “sistema mundial” de Wallerstein é um modelo de produção baseado em classes sociais). Apesar das incertezas, parece correto afirmar que hoje temos uma ideia aproximada desse novo sistema (chamado de “capitalismo tardio” para marcar sua continuidade em relação ao que o precedeu e não a quebra, ruptura ou mutação que conceitos como “sociedade pós-industrial” pretendiam ressaltar). Além das empresas transnacionais mencionadas acima, suas características incluem a nova divisão internacional do trabalho, a nova dinâmica vertiginosa de transações bancárias internacionais e das bolsas de valores (incluindo as imensas dívidas do Segundo e do Terceiro Mundo), novas formas de inter-relacionamento das mídias (incluídos os sistemas de transportes como a containerização), computadores e automação, a fuga da produção para áreas desenvolvidas do Terceiro Mundo, ao lado das consequências sociais mais conhecidas, incluindo a crise do trabalho tradicional, a emergência dos yuppies e a aristocratização em escala global (JAMESON, 2004: 22-23).

3 MÍDIA E POLÍTICA

É nesse cenário que destacamos a manutenção do poder político nas mãos da família que governa o Maranhão. Sem deixar de lado a questão estrutural, mas, ao

³ Termo aqui apropriado como designando os países ditos “em desenvolvimento”, ou seja, que não atingiram o grau de capitalismo encontrado nos chamados países capitalistas avançados, utilizando expressões de Chesnais (1996: 219).

contrário, procurando perceber a relação entre a ordem vigente e o papel desempenhado pelos Sarney, pelo seu aparato midiático, e pela sua perpetuação no poder como contribuintes para a reprodução da ideologia dominante.

Desde a eleição de José Sarney para governador, em 1966, até hoje, sua figura é central na política do Maranhão, exercendo influência também no plano nacional⁴. Gonçalves (2008: 71-72) classifica-o como “gestor de todos os governantes do Maranhão entre 1970 e 2004, exceção feita ao governador Oswaldo da Costa Nunes Freire”. Vários membros da família também atuam politicamente tanto no cenário local quanto no nacional⁵. A trajetória do chamado grupo Sarney, que gravita em torno de sua figura e de sua família, porém, não é sempre ascendente. Em 2004, por exemplo, o governador e filho político José Reinaldo Carneiro Tavares, rompeu com o grupo. Em 2006, ele apoiou o candidato Jackson Lago, o principal adversário de Roseana Sarney ao Governo do Estado. O candidato Lago venceu o pleito aquele ano, tendo derrotado Roseana Sarney, por uma pequena diferença (menos de 2% do total de votos válidos no segundo turno). Roseana, segunda colocada, inconformada com o resultado, recorreu à Justiça Eleitoral.

Em 2009, com o julgamento da ação movida pela coligação “A Força do Povo”, liderada pela candidata Roseana Sarney, no TSE, Jackson Lago teve seu mandato cassado por abuso de poder econômico (a tese era de que Reinaldo firmara convênios com prefeituras do interior quando governador, beneficiando a candidatura de Lago). Roseana é, então, diplomada governadora. Em 2010, reelege-se, concorrendo novamente contra Lago e Flávio Dino⁶, então deputado federal. Roseana venceu em primeiro turno obtendo, 50,08% dos votos válidos⁷, estreita margem que impediu a realização de um segundo turno no Estado.

⁴ Com o fim da ditadura militar (1964-1985), o último presidente eleito pelo Colégio Eleitoral, Tancredo Neves, morreu antes de tomar posse e seu vice – José Sarney – assumiu o Governo Federal. Ao deixar a presidência, Sarney elege-se sucessivas vezes senador pelo Amapá. Foi presidente do Congresso Nacional durante o Governo Fernando Henrique Cardoso e por duas vezes sob o Governo Lula. Atualmente preside o Legislativo Brasileiro (o presidente do Senado também o é do Congresso) pela quarta vez, agora sob o Governo Dilma Rousseff.

⁵ Os mais notórios, ambos filhos naturais (aqui em oposição a filhos políticos (GONÇALVES, 2008, 74; 75), Roseana Sarney, por duas vezes consecutivas, entre 1994 a 2002, governadora do Estado. Anteriormente deputada federal e, depois dos dois mandatos de governadora, senadora; retornou ao Governo com a cassação de Jackson Lago em 2009, elegendando-se em 2010 para seu quarto mandato; e José Sarney Filho, eleito para mandatos como deputado federal, foi ministro do Meio Ambiente no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso.

⁶ Roseana, Jackson e Flávio foram os principais candidatos ao Governo do Estado em 2010.

⁷ <http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/10/roseana-sarney-e-reeleita-governadora-do-ma.html>
Acessado em 22 de fevereiro de 2011.

A família Sarney não se destaca apenas no cenário da política maranhense. Além de ser o principal grupo político local há mais de quarenta anos, é a proprietária da maior rede de mídia do Estado. O Sistema Mirante inclui as retransmissoras, no Maranhão, da principal rede de televisão do país (TV Globo), o jornal de maior circulação (O Estado do Maranhão), o maior portal de notícias na internet⁸, e várias rádios AM e FM em São Luís e no interior.

4 CONCLUSÃO

A pesquisa procurará saber se, *como* e até que ponto o aparato midiático *confunde-se* com o estatal, procurando apontar o uso das empresas de comunicação da família Sarney para sua manutenção no poder.

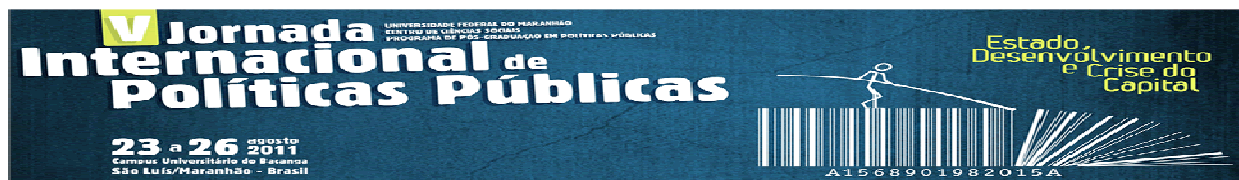
Tomando essa possibilidade de interseção entre os campos político e midiático, investigar-se-á, a partir daí, se tais ligações atendem aos interesses da família Sarney, e em que planos eles se situam: se no político, no empresarial, ou misto; se a face midiático-empresarial apenas se alimenta do Estado (como fonte de notícias e receitas financeiras, por exemplo), ou se funciona como uma espécie de secretaria informal, agência de propaganda e assessoria extra-oficial, não somente divulgando ações, mas orientando o grupo e o público nessa relação.

A articulação entre mídia e política, no cenário capitalista peculiar do Brasil e, mais especificamente, do Maranhão, e a manutenção tão longa de um determinado grupo no poder, constituem, portanto, o cerne da pesquisa que se desenvolve a partir daqui.

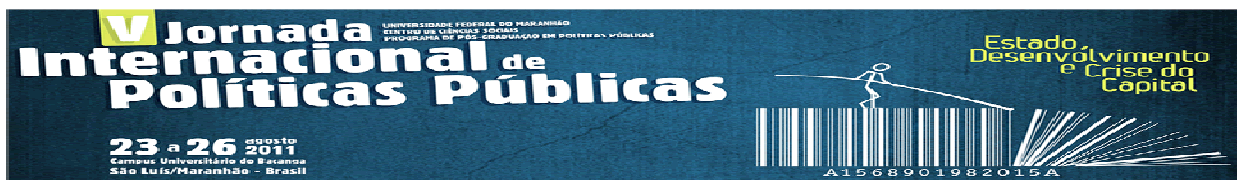
5 REFERÊNCIAS

- ADORNO, T., HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Tradução de: Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. 2ª ed.
- ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Tradução de: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zaar, 1999.

⁸ www.imirante.com, elemento integrador das várias mídias com as quais opera o Sistema Mirante (televisão, jornal impresso, rádios), perfazendo uma rede de comunicação que *assegura cobertura de todo o Estado*.



- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de: Carlos Felipe Moisés, Ana Maria Ioratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0011-52581997000200003&script=sci_arttext>. Acesso em 20 mar. 2011.
- CHAIA, Vera, CHAIA, Miguel. *Mídia e Política*. São Paulo: PUC-SP, 2000. Escritos Neamp (Núcleo de Estudos em arte, mídia e política).
- CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. Tradução de: Silvana Finzi Foá. São Paulo: Xamã, 1996.
- COUTO, Carlos Agostinho Almeida de Macedo. *Estado, mídia e oligarquia: poder público e meios de comunicação como suporte de um projeto político para o Maranhão*. São Luís: Edufma, 2009.
- GOMES, Wilson. *Transformações da política na era da comunicação de massa*. São Paulo: Paulus, 2004.
- GONÇALVES, Maria de Fátima da Costa. *A Invenção de uma Rainha de Espada: reatualizações e embaraços na dinâmica política do Maranhão Dinástico*. São Luís: EDUFMA, 2008. Coleção Dissertações & Teses do CCSO/UFMA.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. Tradução de: Carlos Nelson Coutinho. v. 1: Introdução ao estudo da filosofia; a filosofia de Benedetto Croce.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. Tradução de: Carlos Nelson Coutinho. v. 2: Os intelectuais; O princípio educativo; Jornalismo.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. Tradução de: Carlos Nelson Coutinho. v. 4: Temas de Cultura, Ação Católica, Americanismo e Fordismo.
- HOBBSBAWN, Eric, RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997 (Coleção Pensamento Crítico, v.55).
- JAMESON, Fredric. *Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Tradução de: Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 2004
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Tradução de: Ivone Castilho Benedetti. Bauru: Edusc, 2001.
- LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto*. Rio de Janeiro: Forense, 1948.
- LIMA, Venício. *Mídia: teoria e política*. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.
- MANDEL, Ernest. *O capitalismo tardio*. Tradução de: Carlos Eduardo Silveira Matos, Regis de Castro Andrade, Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Nova Cultural, 1985. 2. ed.



- Maranhão 66, o documentário de Glauber Rocha. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=4LyeGC6fGX4>>. Acesso em 28 mar. 2011.
- MÉSZÁROS, István. *O desafio e o fardo do tempo histórico: o socialismo no século XXI*. Tradução de: Ana Cotrim, Vera Cotrim. São Paulo: Boitempo, 2007.
- ROCHA, Glauber, DUARTE, Fernando. *Maranhão 66* (reportagem cinematográfica). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=t0JJPFruhAA>. Acesso em 28 mar. 2011.
- SADER, Emir (Org.). *Gramsci: poder, política e partido*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- SANT'ANA JÚNIOR, Horácio et al. (Org.). *Ecos dos conflitos socioambientais: a Resex de Tauá-Mirim* (Introdução). São Luís: Edufma, 2009.
- SANTOS, Suzy dos. Os prazos de validade dos coronelismos: a circunscrição a um momento de transição do sistema político nacional como herança conceitual do coronelismo ao coronelismo eletrônico. In: *Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Políticas e Estratégias da Comunicação*, 7. Santos, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0011-52581997000200003&script=sci_arttext> Acesso em 07 mar. 2011.
- SILVA, Gisélia Castro. *Cultura Popular e poder político no Maranhão: contradições e tensões do bumba-meu-boi no governo Roseana Sarney*. São Luís, 2008. 132 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) – Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Universidade Federal do Maranhão.
- THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Tradução: Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 2009. 11. ed.
- THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 2009. 8. ed.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *O declínio do império americano*. Tradução de: Elsa T. S. Vieira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.